

CORREIO BRAZILEIRO
RUY FABIANO

Ponto de Vista

Fiel da balança

A anarquia partidária gerou, ao final da sessão legislativa deste ano, mais um bloco parlamentar, nos moldes do extinto Centrão. Auto-intitula-se Bloco Parlamentar Independente, reúne 134 deputados de partidos conservadores não alinhados — PDS, PTB, PL e PDC — e tem, entre seus idealizadores, o ex-ministro Delfim Neto. A idéia é torná-lo uma espécie de fiel de balança na Câmara, uma força de equilíbrio entre as oposições e o bloco governista.

O grupo não faz por menos: está determinado a tomar o poder, ampliando o número de adeptos e conquistando espaços na Mesa Diretora — sob o comando de PMDB e PFL — e relatorias nas comissões técnicas, mistas e de inquérito. Pode mesmo vir a ser o núcleo de um futuro partido de centro-direita, adepto da doutrina neoliberal, mas, presentemente, isso não está em pauta. O objetivo imediato é influir no gerenciamento do poder, impedindo que o presidente Collor acabe, dentro de sua solidão política, prisioneiro de alianças ideologicamente espúrias (do ponto de vista do neoliberalismo, óbvio).

A maior parte dos integrantes desse bloco, a começar por Delfim, já estava reunida em outro, o Bloco da Economia Moderna (BEM). Este, porém, não se organizou para atuar politicamente. Pretende ser apenas um referencial ideológico no Congresso, manifestando-se apenas quando estiverem em jogo temas dessa natureza. Como bloco ideológico, o BEM não faz alianças, não aceita conchavos, nem atua no varejo político-partidário. É uma instância suprapartidária, majestática — ou, pelo menos, pretende sê-lo. Delfim, a princípio, quis trazê-lo para o cotidiano político, mas esbarrou na resistência do deputado Roberto Campos. Acabou partindo para a criação do Bloco Independente, que está disposto a desbancar o PMDB como força hegemônica na Câmara.

Mas não é só. O bloco quer ir bem mais longe: está determinado a resgatar o discurso de posse de Collor, uma profissão de fé liberal, não confirmada pelos atos de seu Governo. O bloco rejeita a acusação de linha auxiliar do Palácio, e se diz linha auxiliar do País. Delfim garante que não terá o menor constrangimento em aderir, ele e seu bloco, sê o presidente Collor começar, enfim, a pôr

em prática os fundamentos de seu discurso de posse, que considera simplesmente "o melhor discurso que já se viu neste País". E ele crê que isso é possível. O bloco, afinal, oferecerá ao Presidente suporte político para que, em aliança com o bloco governista, disponha de maioria na Câmara, sem a necessidade de ficar de joelhos para o PMDB.

Até aqui, o Governo não deu sinais de que reconhece a existência do bloco. Pelo menos ignorou-o solenemente na votação da reforma tributária de emergência. Optou por negociar com o PMDB — que tem 32 deputados a menos que o bloco —, aceitando a contrapartida de rolar a dívida dos estados. Se negociasse com o bloco, o Governo aprovaria sua reforma tributária sem contrapartidas. E, de quebra, inauguraria uma nova fase em suas relações com o Congresso, descobrindo que é potencialmente majoritário, desde que queira ser efetivamente fiel a seu próprio discurso.